

Texto n. 011

Textos para Discussão
ISSN -2447-8210

**Relato de Experiência: a
dislexia na vida real**

Aline dos Santos Lopes Marangon

unis

**Grupo
Educativo**

RELATO DE EXPERIÊNCIA: a dislexia na vida real

Aline Marangon¹

RESUMO

Este trabalho trata sobre a dislexia que é um assunto abordado nas mais diversas áreas do conhecimento, principalmente para a fonoaudiologia, a psicologia, pedagogia e a psicopedagogia. Descobrir sua causa, suas características para que se possa dar um diagnóstico tem sido um desafio para os profissionais dessas áreas. Os objetivos deste trabalho são relatar um caso de experiência da graduação, buscar alternativas para se trabalhar com o disléxico; analisar o que é dislexia e identificar os profissionais para o acompanhamento do disléxico.

Palavras-chave: Dislexia. Relato de Experiência. Diagnóstico.

EXPERIENCE REPORT: dyslexia in real life

ABSTRACT

This work deals with dyslexia which is a subject addressed in several, mainly for speech therapy, psychology, pedagogy and educational psychology. Discover its cause, its features so you can give a diagnosis has been a challenge for professionals in these areas. The objectives of this study was to report a case of graduation experience, look for alternatives to working with dyslexic; analyze what dyslexia is and identify professionals to monitor the dyslexic.

Keywords: Dyslexia. Experience Report. Diagnostics.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho trata sobre a dislexia que é um assunto abordado nas mais diversas áreas, principalmente para a fonoaudiologia, a psicologia, pedagogia e a psicopedagogia.

A dislexia não é o resultado de uma má alfabetização, desatenção, desmotivação, condição socioeconômica ruim ou baixa inteligência, mas sim de alterações genéticas e do padrão neurológico.

O grau de intensidade da dislexia pode variar de leve até severo variando assim os sintomas de uma criança para a outra.

Os objetivos deste trabalho são relatar um caso de experiência da graduação, buscar alternativas para se trabalhar com o disléxico; analisar o que é dislexia e identificar os profissionais para o acompanhamento do disléxico.

2 RELATANDO O CASO

O caso relatado é verídico e por motivos éticos os nomes das pessoas e do lugar não serão divulgados.

No ano de 2010, o estágio da graduação foi realizado em uma instituição que atende crianças e adolescentes com dificuldade de aprendizado e possui profissionais capacitados em várias áreas como: pedagoga, psicopedagoga, psicólogo, fisioterapeuta, massoterapeuta e professores com o objetivo de ajudar as pessoas que procuram a instituição.

Em um dia uma mãe muito apavorada e preocupada com seu filho em perder o ano na escola procurou a instituição.

Então, foi feita uma anamnese na qual a mãe se queixava sobre seu filho de 10 anos que será chamado aqui de Lucas. Ela relatou da grande dificuldade do seu filho na leitura, interpretação de texto, com disgrafia e com uma segunda repetência em vista.

O disléxico vai apresentar algumas dificuldades que segundo a ABD – (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE DISLEXIA [2006?], p. 3), as dificuldades de um disléxico são: linguagem e escrita; na ortografia; tem uma memória de curto prazo; não tem organização espacial/lateralidade; para aprender uma segunda língua; lentidão no aprendizado da leitura; disgrafia; discalculia; disnomia.

A maioria das dificuldades na leitura, excluindo a dislexia específica, proviriam de: incapacidades geral para aprender; imaturidade na iniciação da aprendizagem da leitura; alteração no estado sensorial e físico; problemas emocionais; carência cultural; métodos de aprendizagem defeituosos.

Estas causas podem produzir na criança um retardamento secundário na leitura. Nesse caso essas dificuldades na leitura tendem a solucionar-se geralmente num grau diferente daquele

retardamento na leitura produzido por uma dislexia específica. (CONDEMARIN; BLOMQUIST, 1989, p.16).

É importante ressaltar que essas características podem variar de um dislético para outro, por isso o diagnóstico deve ser feito por uma equipe multidisciplinar formada por Psicóloga, Fonoaudióloga e Psicopedagoga Clínica e se necessário o parecer de outros profissionais, como Neurologista, Oftalmologista e outros, conforme o caso.

Atualmente existem várias definições para dislexia, que nada mais é do que um distúrbio específico de fala e escrita, de caráter hereditário, caracterizado por dificuldade no reconhecimento fluente da expressão verbal, da leitura e pobre habilidade de decodificação e soletração. (SENO, 2009, p. 13).

Devido essa dificuldade o dislético tem uma leitura lenta, pausada e pouco compreensiva, visto que sua decodificação é lenta.

Os principais sinais da dislexia podem ser evidenciados durante o desenvolvimento da criança. Esses sinais se referem: a fala ininteligível, à imaturidade fonológica, à redução de léxico, à dificuldade em aprender o nome das letras ou os sons do alfabeto, à dificuldade para entender instruções, compreender a fala ou material lido, à dificuldade para lembrar números, letras em seqüência, questões e direções, à dificuldade para lembrar sentenças ou histórias, ao atraso da fala, à confusão direita - esquerda, embaixo, em cima, frente - atrás (palavras-conceitos), e à dificuldade em processar os sons das palavras. (CARDOSO; CAPELLINI, 2009, p 397).

Entre as dificuldades do dislético está a omissão de letras, por exemplo, ao invés dele escrever “curto” ele escreve “cuto”, por isso é importante o tratamento com a fonoaudióloga para que ele possa fazer a análise fonológica, ou seja, observar que cada letra tem um som.

Outra característica é ele acrescentar letra onde não precisa exemplo: escreve “carata”, sendo que deveria escrever “carta”.

De acordo com Dickson e Chard, consciência fonológica é a compreensão das diferentes formas como a linguagem oral tem a possibilidade de se dividir em componentes menores que podem ser manipulados. A fala pode ser dividida de muitas formas diferentes, por exemplo, sentenças em palavras, palavras em sílabas e sílabas em fonemas. Ser fonologicamente consciente significa ter uma compreensão geral de todos estes aspectos, isto é, conhecer a estrutura da língua. (SENO, 2009, p. 15).

Para o dislético falta à consciência fonológica, por isso deve-se trabalhar atividades que desenvolva essa consciência. “Os exercícios para se trabalhar a consciência fonológica são: Rima; aliterações; manipulação silábica; manipulação

fonêmica; transposição silábica”. (SENO, 2009, p. 15). Esses exercícios podem ser trabalhados desde a pré-escola de forma oral, assim as crianças já estarão desenvolvendo sua consciência fonológica.

Com esses exercícios a criança aprende que cada letra tem um som e isso depende do lugar que ela ocupa na palavra com isso a criança terá mais facilidade para ler e interpretar. “[...] Quando as crianças estão aprendendo a ler, a consciência fonológica as auxilia no processo de decodificar palavras, facilitando assim sua compreensão de leitura”. (CAPOVILA, 2004, p. 32).

A criança disléxica não percebe que cada letra tem um som em uma determinada posição na palavra. Por isso os exercícios de consciência fonológica são muito importantes.

O disléxico não tem a capacidade de compreender que a troca de um(a) único(a) som ou letra na palavra pode alterar seu significado, pois não percebem que elas são formadas por vários segmentos – que apesar de isoladamente nem sempre terem um significado próprio, se forem redistribuídos em diferentes ordens, formarão outras palavras. (SENO, 2009, p. 15).

Por isso, trabalhar a consciência fonológica dentro da sala de aula é importante não apenas para o disléxico, mas para toda criança, visto que “[...] a alfabetização pode apresentar dois significados, primeiramente como ato mecânico de codificação e decodificação da língua oral e escrita, como também a apreensão e compreensão dessas habilidades”. (RESENDE, 2008, p. 1), por isso o professor deve fazer o aluno compreender para que tenha uma aprendizagem significativa.

A mãe de Lucas estava apavorada com a ideia que seu filho poderia repetir o ano novamente e queria saber o que ele tinha e logo pediu que ele tivesse um acompanhamento pelos profissionais da instituição.

O Lucas começou a frequentar a instituição na semana seguinte e foram feitas análises e testes para saber se ele apresentava apenas uma dificuldade de aprendizado ou se tinha algo mais.

Já nas primeiras sessões com a psicopedagoga, percebeu-se que Lucas precisava de óculos, pois não enxergava bem. Assim, ele foi levado ao oftalmologista e foi constatado que precisa de óculos de grau.

Com isso seu rendimento melhorou um pouco, mas ainda tinha alguma coisa acontecendo, pois Lucas tinha grande facilidade para memorizar as coisas, respondia as perguntas da psicopedagoga e da psicóloga com muita propriedade e sabia se comunicar bem.

Com os relatos de Lucas sobre seu pai a psicóloga resolveu chamá-lo para conversar, pois o menino dizia e demonstrava que tinha uma cobrança muito grande do pai e que ele falava para o Lucas que não tinha sido nada fácil terminar a faculdade e ter um bom emprego. E ele tinha que conseguir porque tinha tudo nas mãos (professores, psicopedagoga, psicólogo) que o ajudavam.

Na conversa que a psicóloga teve com o pai, ele relatou que teve muita dificuldade na escola. Repetiu de série três vezes e que não queria que isso acontecesse com seu filho.

Então a psicóloga e a psicopedagoga suspeitaram de uma dislexia de acordo com o relato do pai por sua dificuldade.

A partir desse momento a psicopedagoga aplicou algumas atividades específicas (atividades de consciência fonológica) junto com a fonoaudióloga e a suspeita estava quase confirmada.

Como não é qualquer profissional que pode dar o diagnóstico de dislexia, Lucas foi encaminhado para a ABD (Associação Brasileira de Dislexia) em São Paulo.

A mãe do Lucas relatou que foram três dias de análises e testes com uma equipe multidisciplinar formado por psicóloga, fonoaudióloga, psicopedagoga clínica, neurologista e oftalmologista para constatar que Lucas tinha dislexia.

Dislexia significa “dis” distúrbio e “lexia” linguagem, é uma dificuldade para reconhecer, reproduzir, associar, identificar e ordenar sons e as formas das letras. Como a dislexia não é uma doença, mas sim um jeito de ser e de aprender de maneira diferente, sendo o disléxico capaz de desenvolver outras habilidades com muita facilidade.

Incapacidade devido à lesão central do sistema nervoso para ler compreensivelmente. O conceito foi introduzido por Ranschburg (1916) e inicialmente se refere à dificuldade da leitura que esse autor caracterizava como sendo deficiência parcial da inteligência. Para Angermaier (1974) a deficiência do ler e escrever corretamente pode ocorrer simultaneamente com uma inteligência boa e até acima do normal. Essa forma de inteligência no ler e escrever é designado como dislexia isolada. Valim (1975) chama esta forma de deficiência no ler e escrever de dislexia. (BRUNNER; ZELTNER, 2000 apud CHAGAS, 2003, p. 9).

Muitos estudiosos das áreas de fonoaudiologia, psicologia, pedagogia e psicopedagogia que trabalharam com crianças disléxicas chegaram à conclusão de

“que os disléxicos não são todos iguais, mas diferem uns dos outros de modo que precisam ser descritos e explicados” (ELLIS, 1995 apud CHAGAS, 2003, p. 10).

A dislexia atinge de 05% a 17% da população com dificuldade de aprendizado, suas causas são: dificuldade em uma lista de habilidades cognitivas, incluindo o processo visual, fonológico e uma memória em curto prazo.

Este distúrbio no aprendizado das palavras e da leitura, apesar da criança possuir uma inteligência normal ou acima da normal, uma motivação adequada e oportunidades educativas adequadas e uma visão e uma audição normais. A dislexia tende a ocorrer em famílias e sua incidência é maior entre os meninos que as meninas. (DISLEXIA, [2004?] apud LECCA, 2006, p. 7).

Para G. Reid Lyon, “a dislexia é um distúrbio específico de origem constitucional caracterizado por uma dificuldade na decodificação de palavras simples que, como regra, mostra uma insuficiência no processamento fonológico”. (SENO, 2009, p. 13), por isso o disléxico terá uma dificuldade com a leitura, na escrita, na soletração, pois ele não consegue fazer a decodificação das letras, ou seja, transformar o som escrito em fala.

Segundo Ellis (1995 apud CHAGAS, 2003, p. 10), “diversos especialistas que trabalham com dislexia declaram-se intrigados pela noção de que podem existir paralelos capazes de serem extraídos entre as variedades de dislexia”. Porém se a dislexia tem uma causa única, poderia se esperar que todos os disléxicos mostrassem o mesmo padrão de dificuldades, mas se eles não são todos iguais em seus processos de leitura e escrita, então se pode dizer que as deficiências são subjacentes a diferentes formas de dislexia.

A dislexia é um defeito de aprendizagem da leitura caracterizado por dificuldades na correspondência entre símbolos gráficos, às vezes mal reconhecidos, e fonemas, muitas vezes, mal identificados. (DOCKRELL e MCSHANE, 2000, apud CHAGAS, 2003, p. 9).

O que ocorre com o disléxico é que muitas das vezes é que ele não troca letras e fonemas, pois ele sequer os identificou. “[...] a dislexia não é uma doença e sim um funcionamento peculiar do cérebro para o processamento da linguagem”. (SILVA, 2009, p. 471).

O hemisfério esquerdo é mais vocacionado para o processamento e reconhecimento de informação verbal e simbólica, ou seja, mais analítico e espacialmente mais organizado, enquanto que o hemisfério direito é mais preferencialmente orientado para o processamento e reconhecimento da informação não-verbal e não-simbólica, espacial e musical, postural e facial. (FONSECA, 2009, p. 350).

Relacionando os estudos de Fonseca e um vídeo do Jornal Hoje da Rede Globo o disléxico ao ler além de ativar o hemisfério esquerdo do cérebro ativa também o hemisfério direito, ou seja, o disléxico terá mais dificuldade para ler do que uma pessoa que não tem dislexia.

Isso também explica porque a maioria dos disléxicos tem uma grande facilidade para desenhar, pintar, já que o hemisfério direito do seu cérebro é facilmente ativado.

Segundo Sternberg e Grigorenko (2003 apud CHAGAS, 2003, p. 10.) “a tendência para a ocorrência da dislexia hereditária foi observada pela primeira vez e descrita no final do século XIX”.

Bertil Hallgren (1950) realizou um estudo de duzentos e setenta disléxicos comparando-o com um grupo de controle. Graças a seu estudo chegou à conclusão de que a dislexia devia-se a um fator hereditário resultante de um gene monoíbrido dominante autossômico com manifestação praticamente completa. (CONDEMARIN; BLOMQUIST, 1989, p. 29-30).

O cromossomo # 6 que por ser dominante, torna a dislexia altamente hereditária, tendo alterações genéticas, podendo apresentar mudanças no padrão neurológico. Ela atinge principalmente os homens, a proporção é de três disléxicos para uma mulher. “[...] Estudos recentes realizados pela equipe do Dr. Fagerheim, da Noruega, descobriram que o gene DYX3 do cromossomo 2 estaria relacionado aos distúrbios de leitura e escrita”. (SILVA, Sther Soares Lopes da, 2009, p. 472). Portanto, a confirmação desse gene reafirma a tese de que a dislexia é hereditária.

“[...] O Quociente Intelectual (QI) a ser considerado como critério seletivo deverá ser igual ou superior a 80, mas a literatura especializada ilustra casos de dislexia com indivíduos portadores de QI maior que 115 ou superior”. (FONSECA, 2009, p. 340). É importante ressaltar que a dislexia não é uma doença e não significa que o QI será baixo, pelo contrário, o disléxico tem uma inteligência normal ou acima da média como comprovam as pesquisas.

A partir deste diagnóstico foi possível dar o respaldo e apoio direto na dificuldade de Lucas. Ele passou a fazer avaliações com acompanhamento dos professores e muitas vezes eram orais, visto que ele tinha uma dislexia visual.

Lucas passou a usar óculos de grau como precisava junto à lente amarela chamada (filtro). Esse filtro o ajudava na visualização das letras que para ele ficava embaçadas e misturadas.

O tratamento com a psicopedagoga, fonoaudióloga e psicólogo continuou e Lucas teve uma melhora significativa.

Não tem um método único para se trabalhar com os disléxicos, mas a grande dificuldade deles é a relação entre a letra e o som (Fonema – Grafema), por isso é indicado que se use o método Fônico na alfabetização, além de treinar a memória imediata, a percepção visual e auditiva. É importante que se explore ao máximo os cinco sentidos, pois “[...] pistas auditivas, táteis e visuais deverão ser exploradas”. (SENO, 2009, p. 14). Para suprir as dificuldades do aluno é importante explorar todos os sentidos e ter certeza que o aluno compreendeu para que assim, o professor possa dar sequência no conteúdo.

O disléxico deve fazer um acompanhamento aproximadamente de 2 a 5 anos, considerando os graus da dislexia (leve, moderado e severo), sem deixar de ser disléxico, vai evoluir, melhorar seu desempenho de forma consistente até obter alta do tratamento.

O tempo do tratamento pode parecer extenso, porém vai ajudar o disléxico a ter uma vida acadêmica, familiar, social e profissional melhor. (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE DISLEXIA ([2006?], p. 3)).

O disléxico deve ter um acompanhamento com fonoaudiológico, psicopedagógico e psicológico.

Segundo Elena Border, a dislexia é diagnosticada por exclusão, ou seja, é preciso descartar uma série de outras alterações para afirmar que alguém é disléxico ou pela frequência e persistência de certos erros na escrita, na leitura e na fala. (SENO, 2009, p. 14).

Lucas continuou o tratamento com a fonoaudióloga para ser trabalhado (Fonema - Grafema), ou seja, o som e a escrita de cada letra.

A psicopedagoga continuou trabalhando com jogos pedagógicos, para trabalhar as estratégias de leitura e escrita para facilitar o aprendizado de Lucas, a memória, a lateralidade, ainda reforçando o fonema – grafema.

O psicólogo trabalhou a parte emocional, pois o Lucas sofria uma cobrança muito grande de seus pais, dos professores e de seus colegas mesmo, isso podendo levá-lo a depressões, desânimo, falta de interesse pela escola, entre outras características.

“Segundo Torgesen, a intervenção precoce tem a capacidade de reduzir a possível falha na leitura e na escrita de 18% para 1,4% até 5,4%.”. (SENO, 2009, p.

14). Visto que quanto mais cedo o diagnóstico for feito, mais rápido pode-se elaborar uma proposta adequada para sanar as dificuldades do sujeito.

Portanto é importante um acompanhamento desses três profissionais para o disléxico ter um bom desempenho na sua vida escolar e social.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do relato de experiência e das pesquisas realizadas ficou claro que a dislexia é uma dificuldade na leitura e escrita, ou seja, em transformar uma letra em som. Essa dificuldade na decodificação segundo alguns autores pesquisados não é por causa de nenhum dano cerebral, mas é uma maneira diferente que o disléxico irá aprender a decodificar.

Quando o disléxico vai ler seu cérebro faz um caminho diferente para entender, ou seja, enquanto o cérebro de uma pessoa sem dislexia ao ler, escrever e interpretar usa-se apenas o hemisfério esquerdo do cérebro, em uma pessoa com dislexia é ativado o hemisfério direito em vários momentos. Isso explicaria a dificuldade que o disléxico encontra ao aprender a ler, escrever e interpretar.

Devido a essas características a hipótese mais concreta que se tem é que a dislexia é hereditária, ou seja, passada de pai para filho, de avô para neto. Além de a dislexia ser mais comum em homens do que em mulheres, a proporção é de 3 homens para 1 mulher.

É importante ressaltar que não é qualquer pessoa que pode fazer alguns testes e dizer que a pessoa tem dislexia, mas existem alguns lugares especializados neste assunto como é o caso da ABD (Associação Brasileira de Dislexia) que estuda sobre a dislexia há aproximadamente 30 anos. Não é porque um aluno tem dislexia e outro tem as mesmas características que ele também vai ser disléxico, o diagnóstico é feito individualmente analisando cada caso.

A família ao constatar que a criança tem uma dificuldade e no caso de Lucas se comprovou a dislexia deve buscar ajuda de um psicopedagogo para acompanhar e trabalhar a questão da leitura, escrita e interpretação através de atividades diversificadas como jogos pedagógicos, sempre estimulando o disléxico e ressaltando seus pontos fortes.

Durkheim que define a educação como a ação que os adultos exercem sobre os mais jovens no sentido de formá-los para a vida em sociedade. Ele parte da ideia

de que o indivíduo é produto da sociedade. Para Durkheim o modo como o homem age está sempre condicionado pela sociedade, logo a sociedade é que explica o indivíduo, as formas de agir apresentam um tríplice caráter: são exteriores (provem da sociedade e não do indivíduo); são coercitivos (impostas pela sociedade ao indivíduo); e, objetivas (têm uma existência independente do indivíduo). Os fatos sociais são exteriores, coercitivos e objetivos. Nesta fala de Durkheim o caso de Lucas se aplica, pois ele pode aprender a lidar com suas dificuldades e ter uma vida em sociedade.

Lucas tinha uma dificuldade em fazer a leitura, era como se fosse uma tortura pra ele realizá-la. Durante a leitura Lucas às vezes se perdia, por isso era usada uma régua para que ele não se perdesse durante a leitura.

O trabalho consiste ainda na exploração e interpretação do contexto social, educacional e familiar que envolve o sujeito, buscando conhecer e propor uma ação interventiva que possibilite a descoberta de novas formas de aprendizagem e a criação de estratégias para mediação do processo ensino/aprendizagem. As expectativas em relação à sua aprendizagem não eram boas, segundo a queixa da professora o aluno “não aprendia”, do ponto de vista da equipe escolar tudo indicava que o educando seria reprovado, pois não apresentava uma aprendizagem satisfatória.

Além do psicopedagogo, o disléxico deve ter um acompanhamento do fonoaudiólogo para trabalhar o grafema/fonema, de um psicólogo se a família e o professor perceberem que a autoestima do disléxico está baixa, assim evitando uma possível depressão ou mau comportamento.

É importante se explorar os jogos como os disléxicos, pois eles ajudam de uma maneira lúdica, onde quanto mais sentidos puderem ser ativados, mais fácil fica o aprendizado.

Com Lucas foram usados os seguintes jogos: Sudoku, Soletrando, Jogo da memória com palavras e imagens, Forca, além de jogos de estratégia como Detetive, Banco Imobiliário, Uno e Mancala. Com os jogos foi possível ver o desenvolvimento do Lucas.

Aos profissionais que podem trabalhar com uma pessoa que tem dislexia deixo um alerta, não tem uma fórmula pronta e imutável, cabe a cada um estar atento a pequenos detalhes que podem fazer a diferença, como foi o caso de Lucas, onde o gancho da dificuldade do pai dele indicou a dislexia hereditária.

Portanto, a dislexia não é uma doença, mas uma maneira diferente de aprender e este caso contribuiu para modificar como a autora vê a dislexia.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE DISLEXIA. **Dislexia**. [S.l.]: [s.n.], [2006?], p. 3. Disponível em: <<http://www.dislexia.org.br/>>. Acesso em: 10 nov. 2008.

BRAGGIO, Mario Angelo. **A inclusão do disléxico na escola**. [S.l.]: [s.n.], 2009. Disponível em: <<http://dislexicosaibaseusdireitos.blogspot.com/2009/04/inclusão-do-dislexico-na-escola.html>>. Acesso em: 09 jul. 2010.

CAPOVILA, Alexandra Gotuzo Seabra; CAPOVILA, Fernando César. **Problema de leitura e escrita: como identificar, prevenir e remediar numa abordagem fônica**. 4. ed. São Paulo: Memmon, 2004.

CARDOSO, Regina Kobal de Oliveira; CAPELLINI, Simone Aparecida. Eficácia do programa de intervenção com a consciência fonológica em escolas com risco para a dislexia. **Revista da Associação Brasileira de Psicopedagogia**, São Paulo, nº 81, p. 396-405, 2009.

CHAGAS, Jaqueline Naves. **O que é dislexia**. Varginha: UNIS/MG, 2003.

CONDEMARIN, Mabel; BLOMQUIST, Marlys. **Dislexia: manual de leitura corretiva**. Tradução de Ana Maria Netto Machado. 3. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

FONSECA, Vitor da. Dislexia, cognição e aprendizagem: uma abordagem neuropsicológica das dificuldades de aprendizagem da leitura. **Revista da Associação Brasileira de Psicopedagogia**, São Paulo, n: 81, p. 339 – 353, 2009.

FRANK, Robert. **A vida secreta da criança com dislexia**. São Paulo: M. Books Editora Ltda, 2003.

GUIMARÃES, Márcia. Uma esperança para os disléxicos. **Hoje em Dia**, Belo Horizonte, p. 12, 28 out. 2007.

LECCA, Angélica Priante de Oliveira. **A dislexia em idade escolar**. Varginha: UNIS/MG, 2006.

RESENDE, Márcia Aparecida. **Guia de estudo:** alfabetização e letramento. Varginha: GEAD-UNIS/MG, 2008.

SENO, Marília Piazzzi. Dislexia: Exercícios indicados para trabalhar a consciência fonológica. **Revista do Professor**, Porto Alegre, ano XXV, n. 100, p. 13-16, out./dez. 2009.

SILVA, Sther Soares Lopes da. Conhecendo a dislexia e a importância da equipe interdisciplinar no processo de diagnóstico. **Revista da Associação Brasileira de Psicopedagogia**, São Paulo, n: 81, p. 470 - 475, 2009.

